

LITERACI@S EM REDE: PARA ALÉM DAS PRÁTICAS LITERÁCIAS OBRIGATÓRIAS EM ESPAÇOS HÍBRIDOS

Marilucia Maria da Silva

Interdisciplinary Centre of Social Sciences (CISCS. NOVA),
PhD estudante em ciência da Educação da Faculdade de
Ciências sociais e Humana (FCSH) Universidade NOVA de Lisboa (UNL),
marilucialua@hotmail.com

Resumo: Este artigo é parte de uma investigação extensa que procura caracterizar os usos e as mediações que as tecnologias de informação e comunicação estão a proporcionar para a formação leitora de estudantes da escola pública, visto que a maioria dos jovens possuem aparelhos de celulares, os quais podem ser aproveitados no exercício de leitura e escrita para além das avaliações externas e dos textos do livro didático. Nas últimas avaliações do PISA, entre os 70 países avaliados, conseguimos a 59ª colocação no índice indicador de proficiência leitora. Assim, em busca de novas rotas de aprendizagem que possam contribuir para transformar esta realidade com experiências inovadoras e aplicáveis na educação, este trabalho descreve algumas destas práticas que foram concretizadas com a implementação do projeto de intervenção, firmado numa proposta metodológica, que consistiu na criação de um ambiente virtual de aprendizagem no Facebook, promovendo e facilitando a participação ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Os estudantes tiveram a oportunidade de contribuir com ações de incentivo à leitura no espaço virtual, como também de experienciar outras atividades de literacia, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, para além da instituição educativa. Além disto, sem limitar-se aos clássicos, nesse espaço de conectividade instituído pelos nativos digitais sob a mediação da professora, os jovens podem ler não somente as leituras obrigatórias, pois o ato de ler é consolidado na dimensão do prazer e da fruição. Segundo os participantes, a utilização dessa rede de aprendizagem ampliou as possibilidades de construção de conhecimento e trouxe um benefício na qualidade do trabalho da classe, além de possibilitar uma reinvenção da sala de aula, pois superou a ordem cronológica de horas e espaço de estudo, permitindo uma revisão dos assuntos abordados, avaliação e feedback numa abordagem híbrida. Por fim, as ações contribuíram para elevação dos índices de leitores e dos resultados educacionais.

Palavras chaves: Literacia digital, Facebook, Língua Portuguesa.

Introdução

No presente estudo será abordado a inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) utilizadas pelos educandos na cotidianidade, nas práticas de literacia dentro e fora do universo escolar. Considerando que os limites que definem o "fora" e o "dentro" da escola tornam-se cada vez mais tênues, as tecnologias aumentam possíveis áreas para conhecer e adquirir o conhecimento. As salas de aula e / ou escolas podem ser expandidas, porque nelas a circulação de conhecimento e formas de produção de conhecimento não circunscrevem a lógica acadêmica tradicional, mas transgridem as noções de espaço e tempo padrão (MARTÍN, 2014, p.5).

É oportuno destacar que o relatório da UNESCO versa a respeito de abordagens estratégicas para se pensar as TIC na educação na América Latina e ressalta o imperativo de que se reflita, dentro dos contextos educativos, como deve ser a presença das Tecnologias de Informação e Comunicação nos cenários educacionais, a fim de alcançar o objetivo de proporcionar uma

educação de qualidade como Direito Básico (BERMUDEZ & BASTIDAS, 2015). Compreendemos que a melhoria da educação está correlacionada à potencialização do ato de ler, haja vista que a leitura no mundo contemporâneo é a habilidade intelectual mais importante a ser desenvolvida e cultivada por qualquer ser humano, sem desmerecer os conteúdos que precisam ser trabalhados pelo professor, pois ela possibilita a concretização de projetos de vida, o acesso aos ambientes virtuais e o intercâmbio nesses meios. Aqueles que, de fato, são leitores têm muito mais possibilidade de usufruir da internet em prol do seu crescimento e exercer sua cidadania ativamente na sociedade (SILVA & FREIRE, 2016).

Em virtude do exposto, a onipresença das TIC é concomitantemente uma oportunidade e um desafio, e implica-nos o imperativo de encontrar para estas ferramentas uma significação e usabilidade que permita às sociedades se desenvolverem de modo mais democrático e inclusivo, fortalecendo a colaboração, criatividade e distribuição mais justa do conhecimento, contribuindo para uma abordagem mais equitativa e qualitativa para todos. O acelerado avanço dessas tecnologias favorece oportunidades sem precedentes para alcançar desenvolvimento (UNESCO, 2013).

A Escola de Referência em Ensino Médio de Panelas, integrada à Secretaria Executiva de Educação Profissional e à Gerência Regional de Educação do Agreste Centro Norte, faz parte do Programa de Educação Integral, criado pelo Governo do Estado de Pernambuco. Esta instituição tem como um dos principais desafios melhorar o nível de proficiência leitora dos estudantes que ingressam no ensino médio, o qual repercute em todo o aprendizado nas diversas áreas disciplinares.

DISCUSSÃO

1.1 Da escola para o mundo virtual: uma abordagem híbrida

Um espaço híbrido necessariamente deve combinar os ambientes físico e digital em práticas sociais que constroem conexões, em geral sem fio, permitindo que pessoas possam utilizar seus telefones móveis, computadores portáteis, os mais variados equipamentos de conexão para interagir com humanos e inumanos, próximos e distantes, quando não é preciso ‘sair’ do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais (SILVEIRA, 2010, p.152).

Entender que a escola também tem sua responsabilidade na união destes dois mundos não é uma das tarefas mais difíceis, no entanto, saber como as mudanças a respeito das TDIC

podem influenciar e serem incorporadas a um currículo contextualizado ainda pode ser considerado uma empreitada desafiadora. Como as práticas educativas podem ser influenciadas pelas TDIC? E como esta influência pode ser benéfica ao processo de aprendizagem na escola? A formação de professores deve sofrer modificações para que isso aconteça? (VIEIRA, 2015, p.7).

Os formatos de interação e comunicação em rede são potencializados através das mídias digitais, que podem propiciar infinitas formas de compartilhamentos de informações e cooperações. Deste modo, justifica-se o presente estudo, considerando a relevância e a emergência de análise e investigação a respeito das tendências tecnológicas educativas, das potencialidades dos estudos sobre redes e suas relações sociais, econômicas e culturais na contemporaneidade (Nunes, et al, 2016, p.198). De acordo com Boaventura de Souza Santos, (2002, p.239):

Proponho uma racionalidade cosmopolita que, nesta fase de transição, terá de seguir a trajetória inversa: expandir o presente e contrair o futuro. Só assim será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje. Por outras palavras, só assim será possível evitar o gigantesco desperdício da experiência de que sofremos hoje em dia. Para expandir o presente, proponho uma sociologia das ausências; para contrair o futuro, uma sociologia das emergências.

Em virtude dos fatos expostos, propomos o projeto de literacia digital enquanto metodologia, uma vez que o estudo se fundamenta na compreensão de que as práticas de leitura e escrita devem estar correlacionadas com as circunstâncias e condições de produção nas quais estão inseridos os discentes. Nunca é demais destacar que os processos sociais são instituídos comunicativamente. Dessa forma, as sociedades se concretizam pela virtualização constante das experiências a partir da linguagem e das tecnologias que norteiam as interações comunicativas (SILVEIRA, 2010, p.151).

Portanto, a ampliação da usabilidade da aprendizagem mista e híbrida alude à disposição que docentes e discentes estão manifestando para aceitar a aprendizagem *on-line* como uma escolha viável para alguns formatos de aprendizagem presencial, com ênfase para o aprendizado híbrido como uma boa prática entre essas duas modalidades presencial e *on-line*, que vem crescendo nas instituições educativas. Suas proficuidades são a flexibilidade, facilidade de acesso e integração de componentes multimídias e tecnologias sofisticadas. Os estabelecimentos de ensino acreditam na inovação dessa aprendizagem que prosseguirá em alargamento (NUNES, 2016, p.209).

1.2 Professor detentor versus mediador

Com os progressos da Internet, as escolas tiveram que reorganizar o modo como ensina(va)m para a ampliação das competências e habilidades dessa nova geração de nativos digitais, a instituição escolar necessitou e necessita se reestruturar pedagógica e fisicamente. Por conseguinte, professor educador e educando devem dialogar, pois neste novo arquétipo educacional, ambos atores educativos têm vez e voz segundo menciona Bakhtin (1978, 1997), visto que para interagirem entre si e com as mídias-meios digitais precisam estabelecer diálogos (COELHO, 2012, p.89). Em virtude disto, a leitura não só tornou-se objeto de estudo, como também revelou o fracasso educacional na aprendizagem da leitura nas escolas brasileiras, pois vem a constatação de que as práticas de leitura fracassam pela forma como são operacionalizadas nas ações educativas (SILVA, 2013).

Em contraposição, a preparação docente contemporânea não parece estar focalizada em práticas educativas direcionadas para tal fim e, além disso, ainda dialoga com uma escola presa a um saber formalizado que não se expõe muito de modo distinto do saber do século passado. A sociedade se transforma a todo o tempo, o conhecimento passa a ser veiculado por novos suportes tecnológicos que, por conseguinte, demandam novas linguagens, novos comportamentos; entretanto, a inclusão das TDIC ainda não demonstra ser o foco de discussões proferidas nos cursos de formação docente. Como aproveitar as TDIC congregadas ao cotidiano do estudante em sala de aula? A indagação e as prováveis réplicas, em muitas circunstâncias, só vêm à baila quando os recém-docentes se veem perante uma turma “equipada” por diversos celulares com recursos multimídias (VIEIRA, 2015, pp.4-5).

Reconfigurar o trabalho nos estabelecimentos é outra tendência antevista nesse tempo, com alterações de protótipos institucionais que devem prever o trabalho interdisciplinar entre estudantes educados para resolução de problemáticas complexas. Outra particularidade desta tendência é a ênfase na exploração de metodologias alternativas para o acolhimento de uma demanda estudantil grande, com diferentes necessidades, desse maneira instituindo arquétipos emergentes como o aprendizado híbrido e a educação fundamentada em competência, para atender a esses modelos não clássicos, que serão firmados na aprendizagem on-line, promovendo o acesso às instituições educativas e apoiando programas de desenvolvimento de estudantes (NUNES et al, 2016, p.208).

As alterações causadas pelo desenvolvimento tecnológico já ecoam no cenário escolar e suas implicações não podem ser ignotas pela instituição escolar. Entretanto, esta, em algumas

ocasiões, parece encarcerada, em um mundo reservada, imersa em uma cultura de práticas desconectadas quanto ao universo social do estudante (VIEIRA, 2015, p.2).

Contrariamente, ignorar o fato de que, mesmo na sociedade do conhecimento existem profissionais que não têm compartilhado dessas leituras no meio virtual, é desconsiderar as condições de muitos destes que povoam as escolas públicas brasileiras (SILVA & FREIRE, 2016). Apesar disso, no decorrer do processo de implementação ficou evidenciado que nós professores, perante os educandos, assumimos o papel de mediadores e não mais ‘detentores’ de conhecimento como significavam nas aulas clássicas. Ocorre uma evolução educacional, que pode parecer estranho no princípio, entretanto com o andamento das etapas de implementação do projeto, aprendemos a lidar com nossa “nova função” (RODRIGUES & TECNOLOGIA, 2015).

1.3 Ensino de Língu@ Portugues@ em rede

A comunicação é componente basilar para a vida humana em coletividade, e esta se dá, essencialmente, pela linguagem, que serve como fator de identidade cultural e linguística. Apreendida assim, a linguagem constituiria um fenômeno de natureza sociocultural e como tal não deveria ser estudado fora do domínio em que se adentra (COSTA, 2012). Nunca é demais ressaltar que as ações sociais são estabelecidas comunicativamente. Dessa forma, as sociedades se concretizam pela virtualização permanente das experiências acerca da linguagem e das tecnologias que intercedem as práticas comunicativas (SILVEIRA, 2010, p.151).

Convivemos em um mundo em vertiginosa mutação, onde a comunicação se efetiva por meio de múltiplas configurações de conexão pelos dispositivos técnicos, em um universo de interatividade ubíqua sem precedentes. Os novos formatos culturais perpassados pelas tecnologias, que caracterizam essas transformações recentes na sociedade, apontam como desafios para aqueles que procuram a compreensão dos mais distintos fenômenos da período contemporâneo. Nesta conjuntura, os espaços de interação *online*, crescentemente mais acessíveis, explorados pelas novas gerações, permitem confirmar a sua notoriedade entre estes jovens (ALMEIDA, 2015).

Contudo, no atual cenário educativo, “*dialoga-se pouco*” de como as escolas poderiam ter mais sucesso a partir de ações dos próprios educadores que povoam estas instituições, pois o foco está na satisfação das necessidades industriais e contribuição para a produtividade econômica, pois o debate público acerca da natureza da escolarização tem sido substituído pelas preocupações dos especialistas na administração das metas e resultados predeterminados (SILVA, 2013). Nas últimas décadas, a educação passa por alterações políticas, tendo a mensuração dos resultados

escolares como norteadoras deste processo. Deste modo, como pensar o processo educacional num cenário globalizado, em que as decisões locais são moldadas por regulações transnacionais? (FREIRE & SILVA, 2016).

Verifica-se que a geração digital também denominada de *Geração Y* cresce em um planeta no qual a comunicação digital tem uma função basilar tanto no seu desenvolvimento, quanto na apreensão da realidade, pois é a partir da expansão das inovações tecnológicas que essa geração se expressa e interatua, seja por meio de sons, imagens e textos escritos e não-verbais. Assim, a *Geração Y* é caracterizada pelas múltiplas competências e habilidades sensoriais, verbais e visuais que possuem e empregam para se comunicarem cotidianamente (COELHO, 2012, p.89).

Inúmeros estudos revelam que a transvariação de linguagens, antes restrita pela tecnologia analógica, mas atualmente propiciada pela digital. Sabendo dessa probabilidade técnica, os sujeitos da *Geração Y* vêm jogando de modo criativo com a flexibilidade semiótica da convergência de mídias que a digitalização proporcionou (XAVIER, 2015, p.19).

Nesta conjuntura, os ambientes digitais de ensino, sobretudo aqueles fundamentados na Web, que serão cognominados nesse trabalho de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), são tecnologias integradoras e abarcantes capazes de organizar e determinar um ponto fulcral para os processos educativos mediados por computador, amparar os professores e propiciar o engajamento dos estudantes (GALAFASSI, GLUZ & GALAFASSI, 2013, p.42). Essas tendências assinalam que a Educação em Rede está cada vez mais presente no cotidiano dos indivíduos, ressaltando que principia a perder significação a discussão do que é presencial e a distância (NUNES et al, 2016, p.210).

1.4 Empregando os recursos do Facebook na formação de hiperleitores

O mundo atual tem sido palco de permanentes transformações na área das ciências e da tecnologia, novas descobertas vão sendo efetivadas e novos conceitos vão sendo instituídos e recriados em todas as áreas dos saberes. Este avanço advém de modo tão acelerado, que inúmeras vezes não se consegue seguir de modo apropriado. O conhecimento não se reduz aos livros e ao material impresso. Destarte, convém que os professores reflitam sobre as habilidades de leitura demandadas para incitar o leitor virtual, face à facilidade de acesso das redes sociais virtuais, bem como pesquisar, discutir e analisar, em parceria com outros profissionais, o perfil desse tipo de leitor (SILVA & FREIRE, 2016).

Em contraposição, as relações entre leitura e escola são complexas, pois tudo é repassado com obrigações e cobranças, sem o fortalecimento da ideia da leitura prazerosa. Por isso, a mera inclusão de textos concebidos como bons e superiores entre os textos escolares, não tem solucionado nenhuma das faces da crise de leitura (LAJOLO, 1997).

Nessa direção, é prescindível, de fato, práticas reais de leitura na perspectiva de Kramer no ambiente educativo, a fim de formar leitores autônomos, isto é, leitores questionadores da sua realidade social e para toda vida, fundamentadas na concepção da interação verbal para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária, onde o estudante venha a assumir-se como protagonista desse processo. Parafraseando Bhabha (1998), a criação de um “Terceiro Espaço”: um lugar de resistências e oposição ao domínio, um lugar de contradições e ambivalências em que a diferença se constitui (SILVA, 2012).

Nesse momento, dá-se ênfase à concepção de uma leitura fundamentada na análise, compreensão, interpretação do explícito e implícito contido no texto, numa perspectiva emancipadora e transformadora, que pode potencializar o leitor a desenvolver-se, a modificar a si próprio e transformar o mundo em que está inserido (SILVA, 2013). Mais que um imperativo advindo das investigações teóricas, o exercício docente mediado por novas tecnologias é uma prática eficaz de letramento e, sobretudo, uma conexão com um ensino interacionista e dialógico. Dessa maneira, ações e práticas cidadãs podem ser efetivadas no decorrer dos anos escolares, visto que a familiaridade dos alunos com as máquinas utilizadas em sala de aula propicia a absorção dos conteúdos e a internalização de conhecimentos teórico-práticos (LOPES & SILVA, 2015, p.4).

Conforme esse ponto de vista, consoante Lima (2015, pp. 41-42), compreendemos que muitos são os conhecimentos, habilidades e competências que podem (ou precisam) ser obtidos e desenvolvidos pelo professor da Educação Básica. Tudo vai estar sujeito às políticas de implementação de tecnologia em seu espaço de trabalho, da sua área de atuação, do seu público-alvo, da sua disponibilidade para adaptar as transformações em constante evolução provenientes da revolução tecnológica (SILVA & FREIRE, 2016).

Assim, os ambientes são reordenados, proporcionando uma aprendizagem mais efetiva, facilitando interações e estando atentos à mobilidade, à flexibilidade e ao uso de vários dispositivos (NUNES et al, 2016, p.208). Nas mensurações efetivadas, os estudantes foram unânimes em escolher o Facebook como ambiente virtual de aprendizagem, pela familiaridade, domínio e interatividade.



Figura 1: Capa do ambiente virtual de leitura: Correio Literário



Foto: M. M. Silva. Correio literário. Painelas, 2017.

Figura. 2 Maratona de livros: Jovens leitores formando leitores



Foto: M. M. Silva. Correio literário. Painelas, 2017.



Em relação a dar voz aos estudantes nos espaços virtuais, é oportuno mencionar que a mídia escolar é uma porta de entrada para a comunicação na escola e uma alternativa para fazer desta prática um exercício educacional para formação do cidadão. Neste contexto, os educandos que participam dessas experiências podem ser desenvolvidos como produtores de conteúdos significativos, com a finalidade de originar processos de diálogo entre os membros da comunidade educacional e a realidade social em que a instituição educacional está imersa (SEPÚLVEDA & UCHOA, 2016). Nesse contexto, jovens leitores contribuem para a formação de novos leitores por meio da partilha de suas experiências literárias, realização de maratonas de obras a serem lidas, e incentivam o hábito de leitura na comunidade estudantil.

Metodologia

A criação do ambiente virtual foi antecedido pela efetivação de entrevistas semiestruturadas com as professoras, e a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas aos estudantes do Ensino Médio. Os resultados obtidos com a aplicação destes instrumentos foram decisivos para criação de um espaço de aprendizagem na rede social *online* Facebook.

Esse ambiente virtual foi criado pelos estudantes e professora investigadora. Em contraposição ao método tradicional de educação, os nativos digitais protagonizaram a criação do ambiente, instituíram toda etapa de divulgação do espaço para toda comunidade educativa e administraram juntamente com as professoras e a investigadora. Convém mencionar ainda que a habilidade, autonomia e criatividade desta geração digital foram preponderantes para o sucesso da proposta educativa.

Considerações finais

As escolas deparam-se com a necessidade de inovar os métodos pedagógicos se desejam convocar e inspirar as novas gerações de jovens. Os arquétipos pedagógicos atuais são úteis para estimular estudantes a participarem do processo de ensino e aprendizagem? Os sistemas escolares estão educando-os para essas mudanças, ou apenas para serem passivos e receptivos dos seus efeitos? Como as instituições escolares "capitalizam" as habilidades e competências desses novos aprendizes? (SEVERIN, 2013, p.16).



Por conseguinte, em tempos de mudança, parafraseando Moran (2017), emerge a necessidade de pensar em como transformar as nossas escolas em inovadoras. Pois, em tempos de mudanças tecnológicas, somos desafiados a buscar respostas que nos auxiliem a ensinar a esses jovens que nasceram em plena revolução tecnológica.

Assim, vem à tona a necessidade de rever a dinâmica escolar, criando condições para que o aluno possa desvendar o mundo e interagir de maneira crítica por meio da leitura. Esse deve ser, a priori, o objetivo das agências de letramento, dentre as quais a escola desempenha o papel protagonista (SILVA, 2013). Assim, foi possível constatar que as atividades digitais e a interatividade dos estudantes contribuíram para novas práticas de leitura para novos sujeitos leitores e, conseqüentemente, fortaleceu a autonomia, o protagonismo na construção do conhecimento, de modo que educador e educando ensinaram e aprenderam com criatividade e inovação, segundo a avaliação dos participantes do projeto na *fan page* do Facebook em que foi instituído.

Entretanto, essa transformação não é simples para as escolas que tradicionalmente foram estabelecimentos destinados a resguardar e transmitir usos, tradições, conhecimento, habilidades e valores já instituídos, desenvolvam atividades e ritmos que não se enquadram nestas disposições e particularidades dos novos estudantes (SEVERIN, 2013, p.17). Contudo, para compreender em profundidade os antigos e novos desafios das práticas de leitura, demanda uma excursão histórica na evolução do conceito, associada às transformações da própria sociedade e às demandas crescentes e às novas possibilidades vigentes para formação de leitores na era da cultura digital (EROLES et al, 2013). Por conseguinte, esse papel compete ao educador, que compreende a importante missão de formar jovens para serem leitores ao longo da vida. Para que tal ação se efetive, a fruição e o prazer precisam estar intrínsecos no ato de ler.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sebastião Gomes de Júnior. Adolescentes na cibercultura: registros de uma pesquisa de campo. 6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação e 2º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias. Aprendizagem aberta e invertida. Recife: Pipa Comunicação. Dezembro de 2015. ISSN: 19841175. UFPE: Universidade Federal de Pernambuco, (pp. 1-20). (Consultado em julho de 2017).

BERMÚDEZ, Diego Montoya; BASTIDAS, Juan Pablo Londoño. La transmedialidad como estrategia de comunicación en los procesos pedagógicos: una aplicación en el área del lenguaje y la literatura¹. In Memorias. XV Encuentro Latino Americano de Facultades de Comunicación social Convergencias Comunicativas Multaciones de La cultura e eel Poder Ponencias Eje Temático 1FELAFACS (outubre, 2015). Medellín, Columbia Disponível em:

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39193983/Transmedialidad_Felafacs.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1504125220&Signa.

COELHO, Patrícia Margarida Farias. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. **Texto livre: Linguagem e tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 88-95, 2012.

COSTA, Simone Lima, Parcerias digitais e a formação do professor de língua portuguesa: um estudo à luz da teoria da atividade. 2015. Disponível em: <http://www.lingnet.pro.br/media/dissertacoes/katia/2015-simone.pdf>. (Consultado em julho de 2017).

EUGENIO, Severin. Enfoque estratégicos sobre las TICS en la educación en América Latina y el Caribe. 2013. Disponível em: www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/.../ticsesp.pdf (Consultado em setembro de 2017).

FREIRE, Vilma Cleucia de Macedo Jurema Freire; SILVA, Marilucia Maria. O desafio de uma educação emancipadora na era da mensuração: é possível? **Colóquio Internacional Paulo Freire**, Brasil, out. 2016. Disponível em: <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/ix-coloquio/paper/view/598/698>>. Data de acesso: 29 Jul. 2017.

GALAFASSI, Fabiane Pentead; GLUZ, João Carlos; GALAFASSI, Cristiano. Análise crítica das pesquisas recentes sobre as tecnologias de objetos de aprendizagem e ambientes virtuais de aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, 2013, 21.3: 41-52. Disponível em: http://obaa.unisinos.br/drupal7/sites/default/files/doc_files/publicacoes/2351-4847-1-PB.pdf. (Consultado em julho de 2017).

INFANTE, Maria Isabel et al. Alfabetización y educación: lecciones desde la práctica innovadora en América Latina y el Caribe. 2013. Disponível em: <http://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/123456789/4457/AlfabetizaciónyEducaciónLeccionesdesdelapracticainnovadoraenAméricaLa>. (Consultado em setembro de 2017).

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para Leitura do Mundo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LOPES, Andressa Aparecida; SILVA, Rejane Aguiar. A construção de saberes e a mediação tecnológica: uma proposta de Letramento Digital via redes sociais e recursos audiovisuais. 6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação e 2º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias. Aprendizagem aberta e invertida. Recife: Pipa Comunicação. Dezembro de 2015. ISSN: 19841175. UFPE: Universidade Federal de Pernambuco, (pp. 1-19). (Consultado em julho de 2017).

Martín, M. M. 4). Tecnologia educativa. Programa Memoria Acadêmica. 2014. pp. 4-6. Disponível em: <http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>. (Consultado em abril de 2017).

NUNES, Lucyene Lopes da Silva Todesco, et al. EDUCAÇÃO EM REDE: TENDÊNCIAS TECNOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS NA SOCIEDADE EM REDE. **EaD EmRede-Revista de Educação a Distância**, 2017, 3.2: 197-212. Disponível:

<http://aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/viewFile/116/134> . (Consultado em julho de 2017).

RODRIGUES, Michele; TECNOLOGIA, Mosyle. Transformando meu plano de aula por meio das TIC's. 6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação e 2º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias. Aprendizagem aberta e invertida. Recife: Pipa Comunicação. Dezembro de 2015. ISSN: 19841175. UFPE: Universidade Federal de Pernambuco, (pp. 1-9). (Consultado em julho de 2017).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SEPÚLVEDA, Juan Carlos Ceballos; OCHOA, Beatriz Elena Marín. Dar voz a los estudiantes en los medios escolares. In Ata do **XIII Congreso de ALAIC Sociedad del conocimiento y comunicación: reflexiones críticas desde América Latina**, Grupo Temático 4 comunicação e Educação, Cuajimalpa, México (outubro, 2016). (pp.121-126).

SILVA, Marilucia Maria da. **A prática pedagógica nos “descaminhos” do ensino da língua portuguesa: a formação do leitor para uma vida inteira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Instituto de Educação - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2013.

SILVA, Marilucia Maria da; FREIRE, Vilma Cleucia de Macedo Jurema. As Tecnologias na transformação da educação: sem formação? **Anais do Anais do 14º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação Brasil**, Recife, Setembro de 2016 ISSN: 1984-6355. Disponível em <http://demo.cubo9.com.br/senac/pdf/comunicacao-oral/019.pdf> acesso em 29/09/2016.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Realidade aumentada, aprendizagem e práticas colaborativas em espaços híbridos. **Inclusão Social**, v. 3, n. 2, 2010. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/viewFile/1639/1845>. (Consultado em Julho de 2017).

UNESCO (2013), abordagens estratégicas sobre TIC na educação na América Latina e no Caribe. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Escritório Regional para a Educação na América Latina e no Caribe. Santiago do Chile. Disponível em: <http://goo.gl/QC5soX>.

XAVIER, Antônio Carlos. Retórica digital: efeitos da convergência de linguagens em comunidades virtuais. 6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação e 2º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias. Aprendizagem aberta e invertida. Recife: Pipa Comunicação. ISSN: 19841175. UFPE: Universidade Federal de Pernambuco, (pp. 1-22). (Consultado em julho de 2017).

VIEIRA, Simone dos Santos Pinto de Assumpção. O uso das TDIC no ensino de Literatura. 6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação e 2º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias. Aprendizagem aberta e invertida. Recife: Pipa Comunicação. ISSN: 19841175. UFPE: Universidade Federal de Pernambuco, (pp. 1-19). (Consultado em julho de 2017).